

## 6

### Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi, desde sua idealização, evidenciar a renovação lexical por meio de empréstimos linguísticos como algo fenomenologicamente natural e inevitável, diferenciando totalmente esse processo daquela visão simplista de que se tratam tão somente de provas e/ou marcas da dominação estrangeira sobre nossa cultura através da violação do português. Para alcançar esse objetivo, como se pôde perceber ao longo do trabalho, propusemos um estudo que focalizou a Internet e a tecnologia ligada à informática como canais pelos quais alguns dos elementos responsáveis pela renovação do léxico de nossa língua chegam de maneira livre, mas são aceitos por meio da sistematização que parte de acordos tácitos entre interactantes que são – muito mais do que falantes de uma mesma língua – adeptos de práticas em comum que os fazem pertencer, algumas vezes, a grupos com identidades delimitadas, alguns deles já alcançando o nível de *comunidade de prática*.

Dentre as muitas formas de importações lexicais que poderíamos escolher como exemplos, selecionamos os radicais *bug* e *print*, justamente por já apresentarem as formas evoluídas *bugar* e *printar*, que consagram tais importações como substantivos primitivos e, num passo além, como radicais formadores de formas verbais em português. Temos, nesse recorte, portanto, algo mais do que dois empréstimos do inglês. Temos também dois neologismos formados a partir da modificação que o sistema do português impôs a seus novos vocábulos. Nesse ponto, esperamos ter deixado claro que, a despeito do que falam os desinformados, a supremacia da língua importadora se comprova sobre os termos importados.

Acreditamos que a melhor maneira de mostrar a importância dessas aquisições para a língua portuguesa seria propor uma viagem pela história da mesma, que esclarecesse também o quanto o português de hoje herdou de seus contatos com as línguas ao longo dos muitos anos que antecederam o idioma em sua atualidade. Muito mais do que apenas fornecer dados para analogia, o regresso na cronologia do português serviu para mostrar o quão inócuo pode ser condenar as importações lexicais de uma língua. Os exemplos dos autores aos quais recorreremos reforçaram a ideia de que nem mesmo o mais apurado dos falantes, sem formação específica para tal, pode apontar com certeza aquilo que é e o que não é estrangeirismo dentro de sua própria língua, devido à sedimentação que o uso constante dessas formas emprestadas fomentou.

Em nossa análise de entrevistas, procuramos evidenciar, num primeiro instante, os processos intralinguísticos envolvidos na adoção dessas palavras, o que nos levou a encontrar, nas descrições fornecidas pelos voluntários, traços reconhecidos nos processos de cristalização de estrangeirismos. Assim, seguimos aquilo que se verifica como o conjunto das etapas em que ocorrem esses fenômenos, que são:

1. Adaptação fonética do empréstimo ao sistema de pronúncia da língua importadora;
2. Adaptação escrita do mesmo;
3. Alterações morfológicas e morfossintáticas do novo vocábulo;
4. Possibilidade real de polissemia.

Foi de crucial importância seguir um parâmetro pautado nas quatro regras acima descritas, pois estas se mostram bastante adequadas como base para a sistematização da importação como fenômeno linguístico e, portanto, científico, cabendo apenas à sua ciência correspondente dizer como devem ser tratados. A análise dos verbos *bugar* e *printar*, de seu *locus* de atuação e das práticas comuns a seus usuários visou, a todo momento, combater a infundada visão preconceituosa de alguns sobre estrangeirismos apontada por Garcez e Zilles a seguir:

Na visão alarmista de que os estrangeirismos representam um ataque à língua, está pressuposta a noção de que existiria uma língua pura, nossa, isenta da contaminação estrangeira. Não há. Pressuposta também está a crença de que os empréstimos poderiam manter intacto o seu caráter estrangeiro, de modo que somente quem conhecesse a língua original poderia compreendê-los. (GARCEZ & ZILLES in FARACO, 2001:29)

A sedimentação completa dessa linha de raciocínio se perfaz na visão funcionalista da linguagem, que aponta a inerência da relação que se tece entre a língua e os fazeres cotidianos. Para isso, nosso último capítulo propôs um olhar para as *comunidades de prática* formadas em torno de objetivos direta ou indiretamente ligados à Internet. Mostramos, no caso de *bugar*, a importância desse verbo para exprimir uma especificidade de sistemas e programas computacionais, em especial aos ligados a jogos *on-line*. Pudemos perceber o engajamento dos praticantes em definir um significado padrão para o novo verbo e o compartilhamento desse significado entre os interessados, o que fortalece a utilidade do vocábulo, solidificando-o cada vez mais no léxico do português.

*Printar*, como também procuramos mostrar, é hoje um recurso muito comum para aqueles que utilizam a Internet para práticas de interação em tempo real, sejam quais forem seus fins. Como prática nova, pertencente à modernidade do século XXI, nada mais adequado para nomeá-la do que um neologismo embasado em raízes etimológicas e, mais do que aceito, consagrado e divulgado entre seus usuários.

Entendemos que os estudos nessa área devem ser ainda continuados, no intuito de caracterizar mais a fundo as comunidades de prática virtuais. Sem dúvidas, os estrangeirismos que adentram o português pela Internet e os neologismos que se formam a partir dessas importações poderão constituir um interessante *corpus* nos estudos de lexicologia da língua portuguesa.